

EDUCAÇÃO CRISTÃ E VIOLÊNCIA

O PROBLEMA NÃO ESTÁ SOMENTE EM POLICIAR E CONTER O FENÔMENO MAS ANTES E SOBRETUDO EM SUSCITAR NA PESSOA DO CRISTÃO A TENSÃO PARA O SERVIÇO E A AUTODOAÇÃO.

HÁ MUITAS FORMAS DE VIOLÊNCIA. Somos acostumados a associar a violência a acontecimentos trágicos: rapinas, assaltos, assassinatos, brigas na rua e nas casas, chacinas, ritos satânicos com vítimas humanas, guerras, bombardeios e terrorismos vários. Mas estes são somente casos de uma violência visível e universalmente reprovada. Nenhuma pessoa normal está hoje de acordo com os danos, sofrimentos e perdas que a violência visível provoca, mas devemos admitir que há outras formas de violência maiores e mais devastadoras do que as acenadas. São formas de violência menos visíveis ou menos reconhecíveis e, bem por isso, produzem efeitos mais gerais e mais profundos que, por consequência, ninguém deprecia ou esconjura. Diria que quanto menos uma violência é constatável ou percebível, tanto mais provoca desastres gerais e irreparáveis sem que a sociedade proteste e as igrejas se sintam empenhadas em providenciar remédios ou em contrastá-las. É claramente este o caso da violência estrutural, uma violência que é embutida nas nossas leis, nas nossas tradições, na nossa mentalidade e cultura e até na nossas maneiras de fazer funcionar uma paróquia (1). Uma das formas de violência mais generalizada, e que acarreta prejuízos que nunca poderão ser compensados, é na nossa região e no Brasil todo o sistema de ensino fundamental e médio. É um sistema que parece inventado mais para excluir que para ensinar e preparar os alunos à vida, à responsabilidade e ao trabalho. O pouco que no balanço do governo federal, estadual e municipal se destina ao ensino fundamental e médio faz com que os professores sejam obrigados a ensinar durante dois e mais turnos e cada um deles tenha turmas compostas por 50, 60 e até 70 alunos. Frente a esta situação precisa um mínimo de bom senso para entender que os alunos não poderão aprender nada ou quase nada e isso os prejudicará para toda a vida. O desemprego, com todos os males e desordens que traz consigo, não começa lá onde as empresas fecham ou os investimentos não chegam, mas na sala de aula de primeiro e segundo grau. Começa lá onde, em vez que aprender a viver, se apreende a consumir droga, a organizar gangues de rua e projetar brigas, roubos e assaltos. Não existe uma escola neutra, uma escola que não ensine nada, nem o bem nem o mal. Ou ela ocupa a cabeça das crianças e dos jovens com propostas positivas e construtivas ou as deixa em condição de receber e absorver qualquer outra proposta negativa ou destrutiva.

Quanto pois seja ampla, penetrante e complexa a violência estrutural ninguém sabe dizer. Os nossos códigos civil e penal estão sempre a favor de quem tem e quem sabe e são automaticamente inimigos dos que não tem e não sabem, seja quando são infratores e, às vezes, ainda mais quando são inocentes ou inofensivos. Até o código de trânsito está mais a favor de quem tem carro do que de quem vai a pé. Infelizmente quem possui carro não tem mais condição de experimentar as agruras, os perigos e os maus tratos que cabem exclusivamente aos peões. Querendo compor uma breve e improvisada lista das violências estruturais que apertam por todo lado os que não tem, incluiria nela os seguintes mecanismos: o salário mínimo e outras leis trabalhistas, a previdência social, a preferência pelo ensino universitário enquanto estrangula o fundamental e médio (2), as repressões policiais, os serviços reservados e sempre otimamente pagos de cartórios e escritórios de advocacia, as falsas atrações do comércio e do consumismo, os interesses eleitorais associados aos serviços públicos, a política entendida como negócio, os bancos a serviço exclusivo do poder econômico, a morosidade e descarada parcialidade dos códigos e da justiça, a falta de moradias e assistência sanitária para muitos, a nunca realizada reforma agrária e o sistema penal que, em vez de recuperar os que erraram, desestrutura e despedaça ainda mais a sua frágil personalidade. E não se diga que todos estes mecanismos ambíguos ou iníquos poderiam ser superados com a eliminação do analfabetismo, pois há duas maneiras de alfabetizar e ensinar: a primeira serve para adaptar os excluídos às exigências da sociedade para que possam ser comodamente explorados sem que consigam perceber o truculento engano. A segunda serve para encaminhar na mente e na vida dos excluídos uma crítica e um superamento do sistema em que vivemos (3). Mas quem está assumindo esta segunda maneira de alfabetizar e ensinar? Com certeza não a estão assumindo as escolas públicas e ainda menos os colégios católicos ou as catequeses paroquiais. Existem enfim outras violências ocultas ou mascaradas que deveriam sensibilizar a consciência cristã tanto quanto o homicídio, o estupro ou o divórcio. Diria que a violência oculta pode mascarar-se de pátria, cultura, ciência, modernidade e progresso. Quando se identifica a pátria com o governo, as instituições, o exército, os cargos públicos e a classe dominante, se fortalece e estabiliza o sistema e se faz com que o povo continue a ser dominado e explorado na mesma hora em que acredita de estar amando e honrando a pátria.

Nem precisamos falar dos muitos lazes e festas infindáveis que, organizados em nome da cultura, acabam inebriando e anestesiando as pessoas ao ponto de torna-las incapazes de pensar e reagir frente aos abusos da força policial, dos juizes corruptos e do anônimo, cego e esmagador poder econômico. Nem se fale da violência que eu chamaria de acariciante ou carinhosa que seja. É a violência embutida nas novelas da TV e em muitos outros programas que deliciam o povo e o fazem adormecer e sonhar que o nosso país está se tornando um paraíso de bondade, amor e nobreza de ânimo. Nos nossos canais televisivos se dá, pois, muita importância aos casos de violência, mas para que sejam utilizados como espetáculos de cativante ou emocionante curiosidade ou como programas em que se possa inserir a maior série possível de anúncios comerciais ou de propaganda. O povo gosta pois imensamente dos cadernos coloridos e fantasiados que os cotidianos dedicam à violência e, inevitavelmente, à polícia. Vemos a cada dia estes cadernos atraentes, mas dificilmente descobrimos neles alguma tentativa de educar contra a violência ou de afastar o povo da beira do seu abismo infernal. Numa palavra, podemos dizer que o tema da violência domina o jogo dos media, mas não o domina para que a violência seja reduzida ou desvirtuada. Ao contrário, os media falam de violências e assassinatos para vender mais jornais, revistas, cerveja, pasta dentária e camisetas com bonés.

LIGAÇÃO ENTRE A VIOLÊNCIA OCULTA E A VISÍVEL. À primeira vista se poderia pensar que não há ligação entre as duas formas de violência: a que age secretamente sobre a mente das pessoas e as dispõe a aceitar como certo o sistema iníquo que aprisiona a todos (violência oculta ou estrutural) e a que se verifica na rua e nas praças com cada vez maior e dilacerante frequência (violência propriamente dita, visível e macroscópica). Ledo engano. A violência visível e macroscópica é ligada à violência oculta, estrutural ou mascarada como o efeito à causa, como a filha à mãe, como os frutos à árvore e suas raízes. Não precisa alguma extraordinária perspicácia para admitir isso. Se poderia afirmar com toda tranquilidade que a violência oculta insinua e produz quase todos os modos da violência visível. A primeira é uma violência moderadora e penetrante que invade a consciência das pessoas e as tranquiliza e, em segundo lugar, as faz comportar e reagir da maneira que o funcionamento do sistema sugere e exige.

Na transmissão da violência ou de instintos violentos vale o princípio mais elementar da física que aprendemos no ginásio: a cada ação corresponde uma reação, a cada violência corresponde uma violência. Para entendermos isso devemos levar em conta outras duas tendências implícitas ao proceder do fenômeno em questão. A primeira que a violência sofrida ou passiva se torna dentro de nós agressiva e ativa sem que a gente perceba. A segunda que a violência em geral vai normalmente do alto para baixo e tende a engrossar como uma bola de neve. O violento, de fato, não gosta de enfrentar um violento que possua paridade de força, mas tende a procurar alguém que lhe seja de qualquer maneira inferior. Cachorro não come cachorro, diz um provérbio popular italiano (4). Mil vezes observei o caso dos motoristas de ônibus. Eles maltratam os passageiros como se fossem objetos desprezíveis ou bichos que estão sendo transferidos de um mercado para o outro: freando com força improvisa e desproporcional, abrindo ou fechando as portas na hora indevida, inundando com água suja e lama os passageiros que à pena conseguiram descer. Como eles chegam tão freqüentemente a estes comportamentos inaceitáveis? É simples. Foram maltratados ou pelo empresário, ou por alguém maior que eles (chefe de departamento ou guarda de trânsito) ou são cansados e aviltados por um turno de trabalho infundável e desumano. Voltando para casa pois encontrarão falhas na mulher e nos filhos e tudo isso poderá ser pretexto para outras violências. Este exemplo nos insinua que as violências partidas do alto do sistema ou das classes privilegiadas descem para outras classes inferiores e precipitam como montanhas esmagadoras sobre as camadas populacionais mais pobres e desamparadas. Que pretendemos que aconteça depois de tudo isso? Que estes esmagados agradeçam a Deus de terem nascido no Brasil?

COMO ENFRENTAR PASTORALMENTE O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA. Antes de tudo diria que o enfrentamento direto e explícito da violência visível ou macroscópica não é problema dos educadores cristãos, nem da Igreja como um todo. É problema do estado, da polícia e da justiça, embora seja recomendável que a comunidade cristã esteja aí presente com sua competência crítica e moderadora. É sempre simpático ver a comunidade cristã participar de desfiles e manifestações que pedem aos poderes públicos mais prontidão e eficiência. É sempre simpático vermos padres e freiras e grupos católicos assistirem a processos que querem condenar e punir os que

praticaram a violência, mas aí de nós se tudo parasse por aí como de fato parece acontecer. Parece que o católico intervém contra a violência da forma como o homem comum pretende se salvar dos perigos do trânsito. O que é que o homem comum faz para se salvar dos perigos do trânsito? Olha bem e por mais vezes pelos quatro lados, se agarra a outras pessoas e aperta o passo para não ficar surpreendido na meio da rua. Sejam os honestos em afirmá-lo, todas estas precauções do homem comum não melhoram nem o trânsito nem as leis que o regulam e permitem que a nossa vida esteja cada vez mais próxima da hora definitiva. Limitar-se a se defender do perigo deixa a situação assim como ela é e parece até querer legitimar tudo o que na teoria e na prática se encontra de errado na selva da circulação viária. Para a gente conseguir segurança no trânsito precisa muito mais que de alguns cuidados imediatos. Precisa melhorar o código, precisa melhorar a vigilância e, sobretudo, precisa melhorar a consciência e a sensibilidade das pessoas que se metem a dirigir os carros. As precauções dos que vão a pé e as imposições aos motoristas são necessárias mas serão sempre insuficientes e até paliativas. Assim se diga de um cristão ou de uma comunidade cristã que se interessa pela violência e a quer reduzir ou, pelo menos, conter. A protesta e a vigilância contra os fenômenos da violência são coisas necessárias mas nunca terão condição de extirpar aquele mal da sociedade civil.

As medidas que deveriam estar à disposição da educação cristã nas escolas católicas, na catequese e na liturgia, na pregação e na administração dos sacramentos e, enfim, nos gestos característicos e fundamentais da vivência comunitária, tais como festejos e celebrações, campanhas para enfrentar a miséria e a exclusão, missões populares e pesquisas para tomar consciência da situação, são essencialmente duas: a conscientização acerca da violência oculta e seus mecanismos devastadores, a proposta de um ideal cristão que consista no serviço ao próximo até a doação de si mesmos..

AS DUAS RESPOSTAS CRISTÃS AO PROBLEMA DA VIOLÊNCIA.

Nenhuma das duas se pode induzir com advertências isoladas e repetidas ou ainda menos com um curso especializado. Ambas as respostas requerem um trabalho lento, paciente, lógico e construtivo. Elas são frutos do ensino e do trabalho educativo mas ainda mais são resultados de testemunho, programação e experiência direta. Insisto nos aspectos práticos e vivenciais porque normalmente as nossas escolas são teóricas, doutrinárias e privas de qualquer

experimentação. As duas respostas pressupõem aquelas duas dimensões da vida cristã que o ensino catequético-formativo deveria proporcionar a toda hora: a consciência do que acontece e a maneira melhor de enfrentar uma tal situação com um empenho total e irrestrito. Mas, o que quer dizer conscientizar os alunos sobre a violência invisível e seus mecanismos devastadores? Mais ou menos quer dizer que devemos fazer precisamente o contrário daquilo que fizemos até agora. Quer dizer que precisamos dar o nome aos bois, despojando os dados e os fatos das vestimentas solenes e falsas que lhes deram os interesses escusos das classes dominantes. Para que não haja desentendimento me refiro a um caso hoje extremamente claro: a adesão do Pará a independência até agora celebrada com manifestações escolásticas, folclóricas e populares e feriado geral. Veio a hora de dizer que não houve nenhuma independência e ainda menos uma adesão, pois esta foi imposta com os canhões e a chacina de 256 pessoas no porão do brigue “Palhaço”(5). Não houve independência porque o poder passava do rei de Portugal ao filho dele e deixava que as classes privilegiadas continuassem a dominar o país e explorá-lo como tinham feito até aquele momento. Com as mesmas armas da verdade e de uma certa crueza devemos apresentar os fatos da atualidade e fazer entender aos alunos que estão sendo manipulados a toda hora por meio da história, da geografia, da problemática social, da propaganda política e comercial e até das celebrações patrióticas. Devemos fazer entender aos alunos que estão sendo manipulados até por meio da gramática, pois saber a língua e saber falar não dependem do conhecimento nunca suficiente da gramática, mas do exercício da palavra e da escrita, da leitura e da abertura mental para maiores horizontes. E tudo isso seja feito só para começar, só para levar os alunos a uma altura da qual possam considerar o mundo e a realidade com outro olhos e, então, com outras positivas determinações.

Passando para o assunto final –a educação ao serviço e à auto-entrega- serei mais breve e um pouco drástico, seja por causa do espaço seja pelo fato de sermos quase todos já bastante convencidos de que nas nossas catequeses não existe o tema do serviço e da doação de si mesmos à maneira de Cristo. Não existem como tema e ainda menos como pano de fundo de todo o trabalho formativo. Não existem como teoria e ainda menos como experimentação. Os nossos catecismos são cheios de doutrinas e ditados disciplinares, mas faltam de ideais altos, de propostas práticas e vivenciais e de sucessivas experiências envolventes. O que é que está produzindo o nosso

pesado empenho pela crisma e primeira eucaristia de milhares de jovens e crianças?

Savino Mombelli (6)

NOTAS

01. Existem com uma certa frequência exigências burocráticas e financeiras que podem impedir a recepção dos sacramentos às camadas mais pobres da população.
02. Várias distorções podem acompanhar o funcionamento das universidades federais. Por serem gratuitas ficam mais à disposição dos ricos que dos pobres, pois os pobres não tem como freqüentar cursos apropriados de preparação ao vestibular. E onde irão trabalhar os profissionais que ali foram formados com dinheiro do povo? Uma grande maioria deles irão trabalhar em Brasília, no Rio, em S.Paulo e nos Estados Unidos.
03. O método de Paulo Freire conhecido no mundo inteiro mas bem pouco no Brasil.
04. O que é como dizer: poderoso não come poderoso, autoridade não come autoridade.
05. Cfr. Benedicto Monteiro. HISTÓRIA DO PARÁ. Ed. O Liberal, 2001, p.121 e ss.
06. Nascido na Itália (1928) e ordenado padre na Congregação dos Xaverianos (1955), o padre Savino Mombelli trabalha no Brasil desde o começo do 1966 e ganhou o mestrado e doutorado em teologia da missão (missiologia) na Universidade Urbaniana (1968-1971). Ensinou em áreas de filosofia e teologia na Universidade Federal do Pará, no IPAR de Belém e no SENESC de Manaus. Atualmente ensina filosofia da religião e teologia dos padres da Igreja no IRFP (Instituto regional para a formação de presbíteros) e se dedica tanto à pastoral quanto a problemas sócio-educativos de infância, adolescência e famílias carentes.